



“Alpinistas e outros Trepadores”

Sinais – Fernando Alves, TSF, 6 de maio de 2014



02 min 40 s

O Papa do despojamento usou ontem palavras duras contra os arrivistas e os trepadores, aqueles que se aproveitam da Igreja para enriquecer. Foi na homilia diária, na Capela da Residência de Santa Marta. Francisco desafiou os cristãos a libertarem-se da vaidade, da sede de poder e do dinheiro. E a esses aconselhou a escalada da montanha. Não cuidou o Papa de lembrar a espiritualidade dos cumes do mundo, nem referiu sequer o monte Alverne, onde foi erigido um santuário franciscano. O Papa disse simplesmente: “Se queres subir, vai para o Norte e faz alpinismo. É mais saudável.”

Francisco estava mesmo zangado. Não evocou a transcendência, a espiritualidade da montanha. Foi terra a terra, disse aos trepadores: “Ide fazer alpinismo”. Não lhes repetiu o ensinamento do primeiro escalador do Everest, o de que subindo a montanha é a nós próprios que conquistamos e não à montanha. Estes, a quem o Papa se dirigia, por mais nostalgia das alturas, não encaram a montanha como outra ideia de templo. Há uma arte de medrar e há o, supõe, o manual do trepador. Maurice Joly ousou escrevê-lo e numa reedição de há coisa de dez anos, ele foi apresentado como um moderno catecismo sobre as condições que permitem o poder e o êxito aos homens que pretendem escalar posições sociais. Nem mais. Joly propunha, ironicamente, que os governos instituíssem uma cátedra da arte de medrar a par das de Teologia e Economia Política. Em *Uma Coisa em Forma de Assim*, O'Neill chamou-lhes convencidos da vida. “A todo o tempo tropeçamos neles no seu ar triunfante, convictos da sua excelência, da excelência das suas obras e manobras”, anotava o poeta, a quem já não confrangiam, ainda que os evitasse em podendo.

Há também uma canção do brasileiro Lenine para alpinista social, que, “apesar da idade” nunca se cansa, “de entrar nessa dança e sair no jornal”. A canção também sobe, a seu modo, ao alto do mundo. “E Jacques Cousteau tanto a chegar” no sopé da montanha principal, “ela se preza, ajoelha e reza para ser alpinista social”. É assim que o alpinista social, o trepador, o arrivista entra no templo de onde Francisco indica outras alturas, outras vertigens. Mas estes a quem o Papa aconselha outras escaladas dificilmente poderão entender a montanha, já não digo como um franciscano, mas como um alpinista. Como o grande John Long que deixou dito: “A montanha é a minha poesia”. Ou Walter Bonatti, que depois de chegar ao cimo, concluiu: “A montanha não é como os humanos, a montanha é sincera”.

